



A SOLIDÃO DE CHARLIE BROWN NO UNIVERSO *PEANUTS*: ENTRE O DESAMPARO E A PERSISTÊNCIA

CHARLIE BROWN'S LONELINESS IN THE PEANUTS UNIVERSE: BETWEEN HELPLESSNESS AND PERSISTENCE

DOI: 10.5281/zenodo.19718108



Nicole Zanon Basílio¹

Rodrigo Gonçalves Basílio²

Richard Perassi Luiz de Sousa³

Édis Mafra Lapolli⁴

RESUMO

Este estudo analisa a representação da solidão e do desamparo existencial no universo de *Peanuts*, criado pelo cartunista norte-americano Charles Monroe Schulz, tomando o personagem Charlie Brown como eixo central de investigação. Embora a obra utilize uma estética minimalista e personagens de aparência infantil, dotados de uma complexidade tipicamente adulta, ela articula reflexões profundas sobre a condição humana e as neuroses da modernidade. O objetivo principal é compreender a solidão de Charlie Brown não como ausência de companhia, mas como um elemento estrutural de sua subjetividade no laço social. Metodologicamente, a pesquisa é de natureza qualitativa e bibliográfica, de cunho teórico-interpretativo, utilizando o método dedutivo para analisar o corpus da obra à luz de

1 Membro do SIGMO e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Engenharia, Gestão e Mídia do Conhecimento - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis - Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7525-6885>. E-mail: nicolezanonn@gmail.com

2 Membro do CoMovI e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Engenharia, Gestão e Mídia do Conhecimento - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis - Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-9365-766X>. E-mail: rgbasilio04@gmail.com

3 Membro do SIGMO e Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0696-4110>. E-mail: richard.perassi@gmail.com

4 Membro do CoMovI e Doutora em Engenharia de Produção - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8534-7449>. E-mail: edispandion@gmail.com





um referencial interdisciplinar que abrange a semiótica, a filosofia e a psicanálise. Os resultados demonstram que a dinâmica de interação do protagonista ilustra o “Dilema do Porco-Espinho”, caracterizado pela tensão entre a busca por afeto e a vulnerabilidade diante da agressividade alheia. Conclui-se que a obra de Schulz transcende o entretenimento ao validar o desamparo e a falha como partes integrantes da experiência viva.

Palavras-chave: *Peanuts*. Charlie Brown. Solidão. Psicanálise. Semiótica.

ABSTRACT

This study analyzes the representation of loneliness and existential helplessness in the universe of *Peanuts*, created by the American cartoonist Charles Monroe Schulz, taking the character Charlie Brown as the central axis of investigation. Although the work employs a minimalist aesthetic and characters with a childlike appearance, endowed with a typically adult complexity, it articulates profound reflections on the human condition and the neuroses of modernity. The main objective is to understand Charlie Brown's loneliness not as the absence of companionship, but as a structural element of his subjectivity within the social bond. Methodologically, the research is qualitative and bibliographic in nature, with a theoretical-interpretative approach, using the deductive method to analyze the corpus of the work in light of an interdisciplinary framework encompassing semiotics, philosophy, and psychoanalysis. The results show that the protagonist's interaction dynamics illustrate the “Hedgehog's Dilemma,” characterized by the tension between the search for affection and vulnerability in the face of others' aggressiveness. It is concluded that Schulz's work transcends entertainment by validating helplessness and failure as integral parts of lived experience.

Keywords: *Peanuts*. Charlie Brown. Loneliness. Psychoanalysis. Semiotics.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo do século XX, as narrativas em quadrinhos afirmaram-se como produtos de entretenimento popular e como linguagens expressivas complexas, aptas a veicular reflexões profundas sobre a subjetividade, a cultura e a condição humana. Inseridas no cotidiano dos jornais e caracterizadas por sua aparente simplicidade gráfica e narrativa, as tiras cômicas revelaram-se um espaço para a elaboração simbólica de tensões sociais, afetivas e existenciais. Nesse contexto, a série *Peanuts*, criada por Charles Monroe Schulz, ocupa posição singular ao propor um universo protagonizado por crianças que, longe de representar uma infância idealizada, encena conflitos tipicamente associados ao mundo adulto.





Publicada ininterruptamente entre 1950 e 2000, *Peanuts* construiu, ao longo de cinco décadas, um microcosmo narrativo marcado pela recorrência da frustração, do fracasso, da inadequação e da busca incessante por reconhecimento. Sob uma estética minimalista e uma linguagem econômica, Schulz desenvolveu personagens dotados de elevada densidade psicológica, cujas experiências cotidianas funcionam como metáforas das contradições da vida social moderna. Tal característica permitiu que a obra ultrapassasse as fronteiras do público infantil, alcançando leitores de diferentes faixas etárias e contextos culturais.

No universo de *Peanuts*, Charlie Brown emerge como a figura central em que convergem as principais tensões existenciais da narrativa. Sua trajetória é pautada por um esforço contínuo de inserção afetiva que, invariavelmente, confronta-se com a barreira da incompreensão alheia. Longe de ser apenas uma característica de sua personalidade ou fruto do azar, a experiência do protagonista revela um descompasso inerente ao convívio coletivo. Essa dinâmica evidencia uma forma de isolamento que persiste mesmo na presença de outros, apontando para uma lacuna fundamental nos processos de reconhecimento e pertencimento.

Ao articular filosofia, psicanálise e semiótica, a pesquisa revela a solidão e o vazio como pilares da subjetividade. A jornada de Charlie Brown torna-se, então, um modelo de resiliência: mesmo diante da falha dos laços e das vicissitudes da vida, o movimento contínuo do desejo reafirma-se como um ato de resistência.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo configura-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de abordagem teórico-interpretativa e de cunho exploratório. A escolha metodológica justifica-se pelo objetivo de compreender, a partir de uma narrativa gráfica de alcance mundial, os mecanismos existenciais da solidão e do desamparo. Para tal, utiliza-se como suporte conceitual os fundamentos da filosofia, da psicanálise e da semiótica, por meio de um diálogo interdisciplinar.





Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que, conforme Marconi e Lakatos (2011), permite o desenvolvimento de uma análise crítica a partir de material já publicado, como livros, artigos e teses. As principais fontes de consulta incluem a biografia de Schulz (Michaelis, 2015) e as coletâneas de tiras publicadas pelas editoras L&PM (2015) e Iguana (2025), com traduções de Alexandre Boide e Nuno Carvalho, respectivamente.

O estudo foi conduzido sob o método dedutivo, partindo de premissas gerais para se chegar a conclusões particulares e específicas. O *corpus* da investigação é o universo ficcional criado por Charles Monroe Schulz na série *Peanuts*. O personagem Charlie Brown é o eixo da análise simbólica, examinado à luz de conceitos como o signo semiótico, o "Dilema do Porco-Espinho" e o vazio constitutivo do sujeito.

A pesquisa, por fim, estabelece um diálogo entre as narrativas gráficas e a teoria acadêmica, demonstrando que elementos da cultura de massa podem refletir aspectos universais da subjetividade.

3. VIDA E OBRA DE CHARLES MONROE SCHULZ

A trajetória artística de Charles Monroe Schulz ocupa um lugar marcante na história das narrativas gráficas do século XX. Cartunista norte-americano, Schulz alcançou reconhecimento mundial como criador da série de quadrinhos *Peanuts*, publicada de forma ininterrupta entre 1950 e 2000. Ao longo de cinco décadas, o autor construiu um universo narrativo aparentemente simples, protagonizado por crianças, mas atravessado por questões densas relacionadas à existência, à subjetividade, à frustração e à condição humana (Michaelis, 2015).

De acordo com Alexandre Boide, editor de quadrinhos e tradutor da edição completa da série *Peanuts* (2015), a estreia dos quadrinhos criados por Schulz ocorreu em 02 de outubro de 1950, quando o quadrinista, então com 27 anos, publicou a tira pela primeira vez em sete jornais norte-americanos. Tratava-se de uma tirinha de humor centrada em um grupo de crianças pequenas, embora não concebida como produto direcionado exclusivamente ao





público infantil. Desde seus primeiros anos, a série conquistou ampla aceitação junto ao público leitor e rapidamente extrapolou o espaço dos jornais impressos, consolidando-se como um fenômeno cultural de alcance crescente (Boide, 2015).

Nesse contexto, o escritor John Updike, uma das principais vozes da literatura norte-americana do século XX, afirmou que, nas décadas de 1930 e 1940, os quadrinistas ocupavam um lugar na hierarquia cultural, não muito abaixo dos astros de cinema e dos inventores, o que demonstra o reconhecimento social atribuído aos autores de tiras naquele contexto histórico (Boide, 2015).

Schulz desenvolveu sua formação artística no contexto da chamada “era de ouro” dos quadrinhos de jornal nos Estados Unidos. Trata-se de um período em que as tiras ocupavam posição central na cultura de massa, desfrutando de elevado prestígio simbólico. Em meados da década de 1930, havia diversas agências de distribuição e centenas de autores publicando regularmente em jornais espalhados por praticamente todas as cidades dos Estados Unidos, configurando uma indústria consolidada e economicamente expressiva (Boide, 2015).

Quando *Peanuts* surgiu, na década de 1950, as páginas de quadrinhos dos jornais ainda eram majoritariamente ocupadas por narrativas de ação e aventura. Apesar desse contexto, a tira rapidamente conquistou popularidade, expandindo-se pelos Estados Unidos e, em seguida, para diferentes regiões do mundo. Dezenas de jornais estrangeiros de língua inglesa passaram a publicá-la. Além disso, exemplares das tiras eram distribuídos a forçatarefa da Marinha norte-americana, chegando inclusive à Estação Amundsen-Scott, no Polo Sul. Paralelamente, versões traduzidas, como a edição em espanhol, difundiram-se amplamente pelos países da América Latina, evidenciando o alcance internacional da obra (Michaelis, 2015).

A longevidade da publicação diária de *Peanuts* permitiu a Charles Monroe Schulz alcançar um feito raro no campo das artes visuais e da cultura gráfica. Em seu período de maior circulação, a série era veiculada em cerca de 2.600 jornais ao redor do mundo, com traduções para diversos idiomas, refletindo o seu amplo alcance internacional e a sua capacidade de diálogo com diferentes contextos culturais. Durante toda a sua trajetória,





Schulz produziu integralmente 17.897 tiras, mantendo uma rotina diária de criação sem o auxílio de assistentes ou colaboradores artísticos (Michaelis, 2015).

4. O UNIVERSO CRIADO POR SCHULZ

Ao longo de cinquenta anos de publicação contínua, Schulz construiu um universo singular de personagens em constante processo de amadurecimento e reconfiguração. Embora Charlie Brown esteja presente desde as primeiras publicações, a centralidade e a recorrência dos demais personagens sofreram alterações significativas no decurso do tempo. Alguns deles, como Shermy, Patty e Violet, tiveram participação relevante nos anos iniciais, mas gradualmente perderam espaço narrativo. Em contrapartida, a introdução de novos personagens, como Lucy, Schroeder, Linus e Sally, ampliou as possibilidades dramáticas e simbólicas da série (Boide, 2015).

Há ainda personagens que, introduzidos desde as primeiras fases da obra, permaneceram por toda a sua trajetória, a exemplo de Snoopy, cuja presença contínua contribui decisivamente para a identidade e a complexidade narrativa das tiras. Snoopy, contudo, configura-se como um caso à parte dentro do universo de *Peanuts*. Ao lado de Woodstock, ele encarna o elemento da fantasia pura, da imaginação irrefreável e da despreocupação lúdica, introduzindo um contraponto simbólico à melancolia que atravessa o cotidiano das demais personagens (Boide, 2015).

Tão importante quanto a consolidação e a rotatividade de personagens é o papel das tradições que se estabelecem ao longo da série, funcionando como marcos simbólicos e afetivos da narrativa. Episódios como o solitário Dia dos Namorados de Charlie Brown, os constantes e quase sempre desastrosos jogos de beisebol, a árvore devoradora de pipas, o acampamento de férias e a obsessiva espera pela Grande Abóbora na noite de Halloween constituem rituais que se repetem ano após ano (Boide, 2015).





Figura 1 - O sentimento de solidão e a persistência do desejo em Charlie Brown no Dia dos Namorados.



Fonte: Schulz (2015, p. 609)

Além das tradições recorrentes, o universo de *Peanuts* também se estrutura a partir das paixões e afetos assimétricos que emergem entre os personagens, revelando a lógica do desejo não correspondido. Lucy nutre uma admiração persistente por Schroeder, cuja devoção é exclusiva à música simbolizada pelo piano e pela figura de Beethoven. Sally demonstra afeição por Linus. Já Charlie Brown permanece preso ao amor distante e silencioso pela Garotinha Ruiva, enquanto Patty Pimentinha sustenta a convicção de que Charlie Brown corresponde a seus sentimentos (Boide, 2015).

Figura 2 - Assimetria afetiva e o desencontro do desejo entre Patty Pimentinha e Charlie Brown



Fonte: Schulz (2015, p. 588)

É possível dizer que esses encontros e desencontros, tão recorrentes na produção de Schulz, dialogam com grandes obras da literatura, como o poema “Quadrilha” do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, publicado originalmente no ano de 1930:



João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

4.1 Os personagens como seres de linguagem

A análise das tiras de *Peanuts* revela que o traço minimalista contrasta com a densidade psicológica de seu elenco. Essa profundidade é fundamentada pela semiótica, ciência dedicada ao estudo dos processos de produção de sentido. O nome semiótica, a propósito, advém da raiz grega *semeion*, que significa “signo”. Semiótica, portanto, é a ciência dos signos; um campo teórico sistematizado por Charles Sanders Peirce (1839-1914), polímata, cientista e filósofo, cuja produção intelectual concentrou-se no domínio da lógica. Nessa perspectiva, o signo atua como um representante de algo distinto de si, seu objeto, operando como um substituto mediador que não se confunde com a coisa real, mas a comunica de uma forma específica (Santaella, 2012).

No interior desse sistema teórico, o signo constitui-se, no âmbito da consciência, a partir da articulação de três elementos fundamentais: o *representamen* (sensação), o referente (lembrança) e o interpretante (relação) (Santaella, 2005). Esses componentes decorrem, respectivamente, de uma experiência sensível, de um conteúdo rememorado e da relação interpretativa que se estabelece. A consciência, nesse contexto, é o lugar em que ocorrem os fenômenos: sensações, sentimentos e cognições que acontecem na mente, sejam como produtos da percepção ou da memória de fatos e objetos.

A fenomenologia proposta por Peirce indica três categorias dessa consciência: a primeiridade (sensações e sentimentos), a secundidade (relações de contiguidade entre sensações e realidade) e a terceiridade (ideias e convenções). Na parte mais superficial da





consciência, encontra-se a razão. Esta, auxiliada pela estruturação lógica dos signos, distingue sensações, sentimentos e ideias, relacionando-os com a realidade. Assim, a linguagem emerge como instrumento da razão, compondo o pensamento, o raciocínio e a comunicação (Santaella, 2012).

O estar no mundo dos seres humanos, indivíduos sociais que são, é mediado por essa rede intrincada e plural de linguagem, que perpassa a produção e a interpretação de inúmeros elementos, como formas, volumes, linhas, traços, cores, imagens, objetos, sons, gestos e expressões. Por meio deles, é possível perceber que os seres humanos são tão complexos e plurais quanto as linguagens que os constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem (Santaella, 2012).

Ao transpor essa premissa para o universo de Schulz, observa-se que o traço minimalista dos personagens funciona como a própria materialidade do signo: as expressões faciais, a linguagem corporal e os diálogos subjetivos não pretendem ser os sentimentos ou a infância de forma literal. Em vez disso, eles se colocam "no lugar de", servindo de ponte semiótica que permite ao leitor decodificar conceitos existenciais densos por intermédio de formas visuais depuradas.

4.2 A densidade psíquica dos personagens

Para Boide (2015), as tiras de Schulz eram inovadoras, porque não tentavam mostrar uma infância perfeita. Pelo contrário, elas mostravam o lado difícil da convivência entre crianças, inclusive a crueldade. De igual forma, para Michaelis (2015), *Peanuts* não era apenas um quadrinho de crianças brincando, mas uma obra capaz de despertar sentimentos reais nos leitores. Segundo ele, um dos nomes mais importantes do mundo dos quadrinhos, Shel Dorf, resumiu bem esse impacto ao dizer que ler Schulz todos os dias era divertido, mas também "ligeiramente cruel". O próprio Schulz reconheceu, em 1964, que talvez suas tiras fossem as mais cruéis do mercado, ao perguntar: “As crianças não são todas egoístas? E brutais?” (Michaelis, 2015).





Dessa forma, as tiras apresentam a vida em sua forma mais crua: sem finais felizes forçados e longe de moralismos. O que se observa é um cotidiano repleto de dúvidas, tentativas falhas e absurdos que, paradoxalmente, tornam-se reconfortantes pelos laços invisíveis construídos entre os personagens. Nesse universo, Schulz criou um cenário com figuras singulares que vivem intensamente seus dilemas, formando um núcleo em que cada indivíduo possui densidade suficiente para sustentar sua própria narrativa (Carvalho, 2025).

Essas diferentes narrativas foram analisadas por Umberto Eco sob a lente da semiótica na obra “Apocalípticos e Integrados”, publicada originalmente no ano de 1964. Para o autor, a força dessas histórias está na repetição de situações simples vividas por crianças. Esse ritmo constante cria uma conexão emocional com o leitor, em que o riso e a reflexão nascem da fidelidade aos mesmos esquemas que se repetem com pequenas variações.

Para Eco (1964/2020), só essa estrutura formal bastaria para estabelecer a força dessas histórias, mas há mais. A poesia dessas crianças nasce do fato de que nelas é possível encontrar todos os problemas e todas as angústias dos adultos, que estão atrás dos bastidores. Elas tocam os leitores de perto, na medida em que, de certa maneira, são “monstros”: são as monstruosas reduções infantis de todas as neuroses de um cidadão moderno. Nelas, encontra-se tudo: Freud, a massificação, a cultura introjetada na civilização, o protesto neurótico, a busca pela aceitação do outro, a luta frustrada pelo êxito, o desamparo e a solidão (Eco, 1964/2020).

4.3 A solidão no personagem Charlie Brown

Para compreender a trajetória de Charlie Brown, é preciso primeiro definir a solidão a partir de uma perspectiva psicanalítica, diferenciando-a do simples isolamento. Segundo Tatit e Rosa (2013), a solidão não deve ser vista como uma doença ou um problema a ser resolvido, mas como uma reação do sujeito ao “mal-estar no laço social”. As autoras explicam que a sociedade impõe um padrão de comportamento em que todos devem ser constantemente “autossuficientes e sociáveis”. Nesse cenário, a solidão surge como uma forma de resistência





a essa pressão, sendo considerada uma "experiência ética", que permite ao indivíduo sustentar sua própria singularidade (Tatit; Rosa, 2013).

Diferente da segregação ou do isolamento, que são tentativas de se esconder do mundo para evitar frustrações, a solidão verdadeira inclui o reconhecimento da "falta", ou seja, a aceitação de que ninguém é completo ou perfeito. De acordo com esse estudo, a experiência é essencialmente simbólica e funciona como a "presença de uma ausência" (Tatit; Rosa, 2013). A solidão é o espaço onde o sujeito consegue se encontrar fora das expectativas do grupo, enfrentando o desamparo de não ter todas as respostas ou objetos que preencham seu vazio interior.

É por meio desse prisma que a figura de Charlie Brown ganha contornos trágicos na análise de Umberto Eco. O autor apresenta o personagem a partir de suas características físicas e psíquicas, descrevendo-o como um menino “ingênuo, cabeçudo, sempre inábil e, portanto, voltado ao insucesso” (Eco, 1964/2020). O autor o caracteriza como alguém necessitado, a ponto de revelar uma busca quase compulsiva por comunicação e por “popularidade”, recebendo, em troca, das meninas matriarcais e sabichonas que o cercam, o desprezo, as alusões à sua “cara de lua-cheia”, as acusações de burrice e pequenas maldades que o ferem profundamente.

Ainda segundo Eco (1964/2020), o personagem busca ternura e afirmação em diversos espaços: no beisebol, na construção de pipas, na relação com seu cão Snoopy e nos contatos lúdicos com as meninas; contudo, fracassa sistematicamente. Sua solidão torna-se abissal e seu complexo de inferioridade, esmagador (embora marcado por uma suspeita constante, compartilhada pelo leitor, de que Charlie Brown não padeça de um complexo de inferioridade, mas seja realmente inferior).

A tragédia, no entanto, reside justamente no oposto: ele não é inferior. Pior ainda, segundo a interpretação de Eco (1964/2020), é um personagem absolutamente normal. É como todos os outros. Por isso, vive constantemente à beira de um colapso emocional, pois busca sua salvação seguindo fórmulas comodamente propostas pela sociedade em que vive, a exemplo de como fazer amigos, tornar-se um animador social requisitado, agradar as meninas





ou adquirir cultura em poucas lições. Entretanto, por agir com absoluta pureza de coração e sem qualquer traço de dissimulação, Charlie Brown encontra uma sociedade pronta a rejeitá-lo e, por vezes, ridicularizá-lo, fazendo lembrar, de maneira quase inevitável, o próprio “Príncipe Myshkin”, de Fiódor Dostoiévsky, no atemporal “O Idiota” (1869/2015).

Assim, a solidão de Charlie Brown emerge de uma inclusão assimétrica no grupo, pois suas idiossincrasias não são acolhidas como singularidades, mas convertidas em vulnerabilidade explorável. Nesse sentido, como observam Lapolli *et al.* (2022), o pertencimento torna-se inviável quando as características do sujeito não são vistas como potencialidades, mas como dispositivos de diferenciação que autorizam o rebaixamento simbólico no interior do próprio coletivo.

Dentro da semiótica de Eco (1964/2020), os personagens de *Peanuts* funcionam como verdadeiros tipos psicológicos da sociedade, revelando que a solidão de Charlie Brown é acentuada pelo modo como ele se diferencia dos demais no manejo do sofrimento. Enquanto o protagonista ocupa o centro do desamparo representado como um menino sensível que fracassa justamente por tentar ser uma pessoa comum e correta, os outros membros do grupo erguem defesas estruturadas contra o ambiente. As personagens Lucy e Violet, por exemplo, buscam poder por meio da agressividade, enquanto Linus se protege com seu cobertor, em uma espécie de segurança infantil e metafísica, ou até mesmo um “objeto transicional”, segundo a teoria psicanalítica de Winnicott (1975). Já Schroeder isola-se profundamente na música, ao passo que Chiqueirinho aceita o próprio caos em meio à sujeira que sempre o acompanha. Snoopy, por fim, suporta a realidade fugindo para um mundo de fantasias e criando diferentes versões de si mesmo (*personas*), como “o ás da aviação da Primeira Guerra Mundial”, “o escritor mundialmente famoso”, “Joe Cool (dono do pedaço na universidade)” e “o escoteiro Beagle (aventureiro e destemido)”.

Toda essa dinâmica destaca ainda mais a vulnerabilidade de Charlie Brown: ao contrário de seus pares, ele não possui mecanismos de fuga ou couraças defensivas, permanecendo exposto em uma busca por aceitação que o grupo, blindado por suas próprias





estratégias de sobrevivência, sistematicamente lhe nega, recrudescendo, assim, o seu sentimento de solidão e desamparo.

Tal exposição absoluta remete à dimensão mais crua do desamparo psicanalítico. Conforme aponta Freud (1933/2010), o desamparo revela-se na constatação de que o destino humano não é regido por uma "bondade universal" ou por um sistema de justiça que recompense a virtude. Pelo contrário, o sujeito encontra-se diante de forças (sejam elas naturais ou sociais) frequentemente "obscuras, insensíveis e inclementes", que não distinguem o empenho ético do fracasso.

5. A SOLIDÃO NO COLETIVO E O DILEMA DO PORCO-ESPINHO EM *PEANUTS*

Em *Peanuts*, a solidão de Charlie Brown não decorre da falta de companhia, mas sim de um vazio afetivo experimentado mesmo em grupo. Essa vivência se alinha à distinção proposta pela psicanalista Ana Suy Sesarino Kuss (2021), que, fundamentada em Françoise Dolto, diferencia a solidão do sentimento de solidão. Enquanto a primeira é uma condição estrutural da vida humana, o sentimento de solidão refere-se a um sentimento de vazio do qual muitos padecem.

É precisamente esse vazio que Charlie Brown experimenta: ele possui vínculos, mas eles não lhe asseguram o pertencimento que busca. No entanto, segundo Lacan, em seu Seminário 19, esse vazio é necessário para que a linguagem apareça, funcionando como o motor do desejo. Para o psicanalista, "o vazio é a única maneira de agarrar algo com a linguagem" (Lacan, 1971-72/2012 *apud* Kuss, 2021). Assim, o sofrimento do personagem revela um paradoxo: é o vazio de seus laços que o mantém em um eterno estado de tentativa de comunicação.

Essa convivência, marcada pelo ruído e pela incompreensão, ilustra o que Arthur Schopenhauer, filósofo alemão do século XIX, descreveu como o "Dilema do Porco-Espinho". A metáfora propõe que os seres humanos se assemelham a esses animais em um dia frio: a necessidade de calor, ou o horror à solidão, os impele à aproximação, mas o contato



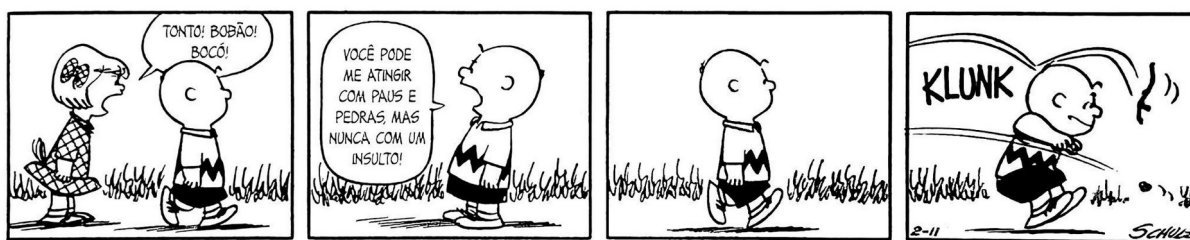


revela os “espinhos” das qualidades repelentes de cada indivíduo. O resultado é uma oscilação constante entre o isolamento frio e a dor do convívio, até que se encontre uma “distância média” suportável, definida pelo filósofo como a polidez (Schopenhauer, 1851).

Ao aplicar essa teoria a Charlie Brown, observa-se que sua busca ativa pelo convívio social o torna paradoxalmente vulnerável. Ao tentar integrar-se ao grupo, ele frequentemente se torna alvo de palavras brutas, desprezo e hostilidade gratuita, como o sarcasmo de Violet ou a rispidez de Lucy e Paty. Esse contato agressivo fere sua disposição inicial, forçando-o a um retraimento resignado diante do que recebe.

O sofrimento do personagem nasce, portanto, do choque entre sua vontade genuína de pertencimento e a crueldade da interação real, mimetizando o movimento do porco-espinho, que, ao buscar acolhimento, recua ferido pelos espinhos alheios. Essa dinâmica de vulnerabilidade é ironicamente ilustrada na Figura 4, quando o personagem articula uma defesa lógica contra os insultos recebidos, apenas para ser confrontado pela agressividade física e direta de sua interlocutora, que invalida qualquer barreira de autoproteção.

Figura 4 - O esforço de autodefesa de Charlie Brown contra o insulto e a vulnerabilidade diante da agressão direta de Patty.



Fonte: Schulz (2015, p. 37)

Essa hostilidade experimentada pelo personagem também encontra fundamento nas reflexões de Freud (1930/2010), ao mencionar que o ser humano não é uma criatura branda e ávida de amor, mas sim um ser que inclui entre seus dotes instintivos um forte quinhão de



agressividade. Para Freud, o próximo não é apenas um colaborador, mas uma tentação para satisfazer essa tendência à agressão, explorá-lo e humilhá-lo.

A partir desse prisma, a "má receptividade" de personagens como Lucy e Violet deixa de ser um mero traço de personalidade e passa a ser compreendida como a busca por uma satisfação pulsional; afinal, como aponta o autor, a sensação de felicidade ao satisfazer um impulso instintual selvagem, não domado pelo eu, é incomparavelmente mais forte do que a obtida ao saciar um instinto domesticado (Freud, 1930/2010). No universo de *Peanuts*, Charlie Brown torna-se o alvo ideal para que alguns membros do grupo saciem esses impulsos de crueldade, tal como acontecia com o garoto "Porquinho", no *Senhor das Moscas*, de Willian Golding (1954/2014), transformando o convívio social em um campo de exercício de poder e depreciação.

Figura 3 - A hostilidade no laço social entre Lucy e Charlie Brown.



Fonte: Schulz (2015, p. 53)

Há momentos, todavia, em que Charlie Brown consegue reagir às agressividades dos colegas. Esses raros episódios ilustram que o "impulso selvagem" mencionado por Freud habita também o coração do "bom perdedor". Nesses instantes, os espinhos de Charlie Brown finalmente se levantam, revelando que sua vulnerabilidade não decorre da falta de um impulso agressivo, mas sim do esforço exaustivo de contê-lo em busca de aceitação. A reação, portanto, é o momento em que o porco-espinho desiste da polidez e assume sua própria natureza defensiva.



Contudo, mesmo essa tentativa de autoafirmação costuma ser efêmera: ao ensaiar uma postura mais impositiva, Charlie Brown é prontamente confrontado por novas ofensas que ignoram sua insurgência e reafirmam sua posição de desamparo. O grupo, em vez de recuar perante sua reação, responde com um sarcasmo ainda mais cortante, devolvendo-o ao ciclo de retraimento e silêncio.

Figura 5 - A tentativa de Charlie Brown de estabelecer limites e a reafirmação da agressividade implacável de Lucy.



Fonte: Schulz (2015, p. 55)

Assim, a solidão de Charlie Brown não é uma ausência de laços, mas o resultado de tentativas frustradas de conexão que o empurram, de forma contínua e avassaladora, para uma marginalidade afetiva dentro do próprio convívio.

6. O DESEJO NA FALTA: A PERSISTÊNCIA DO VÍNCULO APESAR DO INSUCESSO

Se o convívio com o grupo é frequentemente marcado pelo choque dos espinhos e pela satisfação do impulso agressivo alheio, a trajetória de Charlie Brown revela que o desamparo não conduz necessariamente à renúncia. Essa dinâmica encontra eco na obra “A gente mira no amor e acerta na solidão”, de Ana Suy (2021), na qual a autora reflete sobre a natureza paradoxal dos vínculos. A partir dessa reflexão, percebe-se que a busca pelo amor frequentemente revela, antes de qualquer plenitude, o encontro com a própria solidão. Na trajetória do personagem, isso se faz evidente, especialmente em sua paralisia diante da



"garotinha ruiva". Embora Charlie Brown se esforce para oferecer o melhor de si, suas tentativas de integração são, muitas vezes, marcadas por um padrão de insucesso que gera um efeito cumulativo de frustração e tristeza. O afeto se mostra como tentativa, nunca como certeza, carregando a frustração inevitável descrita por Suy (2021), para quem o outro jamais poderá preencher o vazio constitutivo do sujeito.

Figura 6 - O desejo de vínculo e a paralisia de Charlie Brown diante da Garotinha Ruiva.



Fonte: Schulz (2015, p. 579)

É nesse espaço de desencontro que a narrativa de Schulz se torna profundamente ontológica: Charlie Brown não deixa de desejar, mesmo ciente da fragilidade de seus laços. Há nele uma espécie de resistência, ou seja, uma aceitação tácita de que o amor pode falhar e os espinhos podem ferir, mas o movimento de busca continua. Essa dinâmica é constitutiva do personagem, e o próprio Charles Schulz ratifica essa visão ao afirmar que o Charlie Brown deve ser aquele que sofre por ser uma caricatura da pessoa comum, uma vez que a maioria de nós está muito mais familiarizada com perder do que com ganhar (Michaelis, 2015).

Essa persistência no fracasso aproxima a figura de Charlie Brown do Mito de Sísifo, tal como interpretado por Albert Camus (1942/2018). Assim como o herói mitológico é condenado a rolar eternamente uma pedra até o topo de uma montanha apenas para vê-la cair novamente, Charlie Brown reitera seus esforços de vinculação sabendo, inconscientemente, que a pedra da rejeição ou do desencontro tornará a descer. No entanto, é na própria consciência do esforço e na recusa em abandonar a subida que reside sua dignidade. Se a vitória é uma exceção e o vazio de Ana Suy é intransponível, o personagem nos ensina que o



sentido não está no topo, mas no caminho. Ao aceitar sua condição e persistir no desejo, apesar da finitude e da falta, é preciso imaginar Charlie Brown feliz.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da trajetória de Charles Monroe Schulz e do universo de *Peanuts* revela que a longevidade da série não se deve apenas ao carisma estético de seus personagens, mas à profundidade ontológica que o autor imprimiu em cada tira. Ao cumprir o objetivo de analisar a solidão no personagem Charlie Brown, este estudo demonstrou como Schulz subverteu a lógica do entretenimento infantil ao utilizar o traço minimalista como um signo para questões existenciais complexas, transformando o cotidiano de um grupo de crianças em um espelho das neuroses, frustrações e anseios da humanidade.

O estudo evidencia que o personagem Charlie Brown, inserido no microcosmo de *Peanuts*, opera sob a lógica do “Dilema do Porco-Espinho”, em que a busca por conexão humana é indissociável da vulnerabilidade e da dor. Enquanto personagens como Snoopy e Linus criam refúgios na fantasia ou em objetos transicionais, Charlie Brown emerge como o signo da condição humana em sua forma mais crua. Ele é aquele que, mesmo diante da solidão estrutural e dos espinhos do convívio social, os quais são manifestados pela agressividade pulsional de seus pares, persiste no desejo de ser aceito e amado. Essa persistência reafirma a tese de que o vazio, embora doloroso, funciona como o motor que mantém o sujeito em constante movimento de busca e comunicação.

A contribuição desta pesquisa reside em compartilhar o conhecimento sobre a solidão e sua representação social, oferecendo uma interface entre a filosofia, a psicanálise e o autoconhecimento. Ao validar a derrota e o desamparo como partes integrantes da experiência viva, a obra de Schulz oferece ao leitor o conforto do reconhecimento, permitindo uma reflexão profunda sobre as próprias fragilidades. Desse modo, *Peanuts* transcende as narrativas gráficas para se consolidar como uma investigação semiótica e psicológica sobre a resiliência humana diante do vazio constitutivo.





A complexidade desse universo abre caminhos para pesquisas futuras que explorem outras facetas da subjetividade representadas no elenco. Sugere-se investigar, por exemplo, personagens como Linus, que, embora assuma o papel de filósofo do grupo, demonstra a necessidade humana de proteção ao manter seu cobertor como um escudo inseparável contra o mundo.

Por fim, pode-se dizer que a obra permanece atual, na medida em que, enquanto houver a tentativa humana de equilibrar a necessidade de afeto com a inevitabilidade da solidão, as tiras de Schulz continuarão a ecoar como um dos relatos mais honestos e profundamente humanos da nossa história. O comportamento de Charlie Brown torna-se, portanto, a evidência de que uma narrativa gráfica pode operar como um espaço privilegiado de representação dos dilemas universais.

AGRADECIMENTO

Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. Prefácio de Marco Lucchesi. 56. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O Idiota**. Tradução de Paulo Bezerra; desenhos de Oswaldo Goeldi. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. Tradução de Niel R. da Silva. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2020. (Coleção Debates, v. 19).





FREUD, Sigmund. **Novas conferências introdutórias à psicanálise**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDING, William. **O Senhor das Moscas**. Tradução de Sergio Flaksman. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

KUSS, Ana Suy Sesarino. **Amor, feminino e solidão**: um estudo psicanalítico sobre invenções da existência. 2021. 188 f. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 19: ou pior (1971-1972)**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LAPOLLI, Édis Mafra et al. (org.). **Práticas de gestão das diversidades nas organizações**. 1. ed. Florianópolis: Pandion, 2022. E-book. Disponível em: <http://editorapandion.com/>. Acesso em: 31 jan. 2026.

MICHAELIS, David. **Schulz & Peanuts**: a biografia do criador do Snoopy. Tradução de Denis de Brong Mattar e José Júlio do Espírito Santo. São Paulo: Seoman, 2015.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica da arte e da arquitetura**. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Thomson, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros Passos, 13).



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



SCHOPENHAUER, Arthur. **Parerga e Paralipomena**: pequenos escritos filosóficos. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

SCHULZ, Charles M. **O indispensável Snoopy**. Tradução de Nuno Carvalho. Lisboa: Iguana, 2025.

SCHULZ, Charles M. **O melhor de Peanuts**. Tradução de Alexandre Boide. Porto Alegre: L&PM, 2015.

SUY, Ana. **A gente mira no amor e acerta na solidão**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

WINNICOTT, Donald Woods. **Objetos transicionais e fenômenos transicionais**. In: WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em: 25/03/2026

Aprovado em: 09/04/2026

Publicado em: 23/04/2026

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.4 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)

